Jornal do Ceará

ORGÃO POLITICO DE PUBLICAÇÃO DIARIA

ANNO — V | Ceará—Fortaleza — Sexta-feira, 15 de MAIO de 1908. | NUM. 823

Jornal do Ceará

FORTALEZA — 15 de MAIO de 1908

FIGURAS DA AMERICA

Os chefes do poder publico, aqui no Brasil, costumam cer-[illegible]ar-se da maior grandeza e lu-[illegible]a rivalisar com os nababos [illegible]ntaes ou chefes de estados [illegible]peu.

Destoando, porém, de taes [illegible]mpas, a grande republica [illegible] America do Norte dá-nos [illegible]mais puro e admiravel exemplo da verdadeira democracia, muito outra que esta mascarada nacional onde as verbas — REPRESENTAÇÕES OFFICIAES custam milhares de contos.

Stephanne Lauzanne, redactor-chefe do MATIN, assim descreve algumas das suas impressões, durante a sua permanencia na America onde viera assistir ao inicio do grande *raid* de automovel New-York—Paris.

Mirem-se neste espelho os senhores que tem entre as mãos o governo do Brazil:

Só hoje é que começo a comprehender o que siguificam as palavras «Republica», «Democracia» e «Simplicidade». Para isso, foi-me preciso atravessar um oceano, desembarcar na America e vir a Washington...

Eu havia chegado ás dez horas: ás onze horas é que pude ver Taft.

Taft é ministro da guerra, dictador das Philippinas, *controleur* da Panamá e candidato á presidencia da Republica. Entretanto, Taft não tem ajudante de ordens, nem official de gabinete, nem sentinellas de pennacho, nem creados de tope no chapêo, nem archeiros de alabarda.

M. Taft occupa no palacio governamental, em commum com os seus collegas da marinha e dos negocios estrangeiros, tres compartimentos: no primeiro, estaciona um negro, no segundo, dois secretarios e no terceiro está installado M. Taft.

Os dois secretarios são sufficientes para desempenhar o trabalho que em Paris não são capazes de fazer tres chefes adjuntos de gabinete e doze addidos. Um fala ao telephono e abre o expediente que vem pelo correio; o outro estenographa e dactylographa as respostas. Eu vi-os ambos trabalhar durante um quarto de hora com a mesma admiração que Xerxesterio, si visse navegar o almirante Fournier. Em um quarto de hora, os dois secretarios tinham transmittido ou recebido nove communicações telephonicas, escripto ou ditado oito cartas, prestado cinco informações telegraphicas, entrado seis vezes no compartimento de M. Taft para assignaturas e recebido onze visitantes e tomado nota de seus nomes. E tudo—informações solicitadas, entrevistas concedidas, correspondencia pessoal, promoção de officiaes, convocação para conselho — tudo se passava, por assim dizer, em publico, ás vistas e aos ouvidos dos que entravam ou saíam, sem affectacão nem balburdia.

Além disso, Taft é effectivamente o homem mais lhano que existe no mundo: nós conversámos um com o outro, durante meia hora, sobre jornalismo e politica: sómente notei com certa consternação, ao cabo de cinco minutos, que Taft entendia muitissimo mais de jornalismo do que eu de politica, e cheguei quasi a persuadir-me que Taft era o redactor-chefe do *Matin* sem ter eu jámais a satisfação de pensar que era eu o ministro da guerra dos Estados Unidos...

Alguns dias depois, acheime de novo com M. Taft no trem que nos conduzia a ambos para Nova-York. Taft, ministro da guerra, dictador das Philippinas, futuro presidente da Republica, estava sentado no vagão-restaurante como o commum dos mortaes. Não lhe haviam siquer reservado um pequeno bufete: tinham lhe dado por *vis-à vis* uma velha solteirona e era servido sempre por fim, depois de todos os outros. Chegada que foi a vez de virem para a mesa os legumes, não lhe offereceram beterrabas e passaram-lhe com grosseria os *petits-pois* em troca dos seus aipos.

Eu estava desesperado.

—Mas o senhor não sabe, disse eu ao chefe do restaurante, quem é aquelle cavalheiro: é Taft...

—Ora bolas! que tem isso?... me respondeu aquelle sujeito egualitario...

* * *

Si os ministros americanos são pessoas desprovidas de todo apparato, o presidente do Republica é tambem um homem alheio a todo cerimonial.

Nem guardas de honra ás portas da *Maison Blanche*, nem tambores, nem cornetas, nem guardas de espado á cinta, nem archeiros de calções. Entra quem quer no jardim da *Maison Blanche* e olha quem quer pelas janellas do palacio. A' direita do edificio, em um gosto encantador e sobria dignidade, o presidente está installado em um pavilhão.

E ali é que elle recebe, que trabalha, que preside ao conselho dos ministros.

De um lado, uma immensa secretaria, onde uma centena de secretarios bastam para fazer o expediente ordinario; no centro, o vestibulo, onde se collocam os resporters, á esquerda, dois pequenos compartimentos, um dos quaes serve de escriptorio a M. Solb, secretario do peito do presidente e, emfim, a grande sala do conselho dos ministros, que communica directamente por um largo corredor com o gabinete de trabalho do presidente.

Os estranhos que são admittidos em audiencia, os ministros que tem algo que fazer, os funccionarios a quem é concedida entrada, são introduzidos directamente na grande sala do conselho dos ministros, e, por conseguinte, é quasi em publico, sob as vistas de todos quantos ali estão, que o presidente recebe, conversa, trabalha, assigna, fala...

Estive por largo tempo contemplando aquella scena, quando fui admittido á presença de Roosevelt, e essa scena impressionou-me muito mais do que as mais sumptuosas decorações. Havia individuos sentados, muito sem cerimonia, ao redor da mesa de mogno na qual se tratam os negocios de um dos mais poderosos Estados, nas poltronas onde tomam assento os secretarios do Estados, conforme a chapa de cobre que indica o respectivo ministerio. Nas paredes da sala do conselho havia, por todo ornato, tres grandes cartas geographicas, duas das quaes symbolicas, representavam, uma, o canal do Panamá, a outra, o Japão e as Philippinas.

A terceira indicava, com traços vermelhos, os cabos submarinos do globo. Uma grande bacia de cobre, a um canto, permittia, aquem quizesse, beber uma taça de agua gelada.

O proprio gabinete do presidente está disposto confortavelmente, mas sempre com a maior simplicidade. Uma grande secretaria, poltronas americanas, uma bibliotheca, um enorme «mappa-mundi» perto da janella—eis pouco mais ou menos toda a mobilia do compartimento. M. Roosevelt não fem assento habitual: senta-se ora numa, ora noutra poltrona, fica muitas vezes em pé e até vae conversar á sala do conselho com as suas visitas. Quando elle me convidou a sentar-me perto da sua secretaria, eu não pude reprimir um certo olhar. Roosevelt reparou no meu modo de olhar e deu uma risada com gosto; assegurou-me que o chapéo de feltro que ali estava entre um montão de cousas não era o seu, mas sim o do embaixador de França, a quem elle denominou «o vice-presidente do seu gabinete de tennis.»

* * *

Já vos transmitti pelo telegrapho, em resumo, as expressões repletas de sincera amizade á França, que o presidente me havia dirigido. Narrei-vos tambem o assombro que experimentei ao ouvir Roosevelt falar dos nossos livros, da nossa literatura, da nossa poesia, com a firmeza do mais erudito dos nossos philologos. A meia hora que passei a ouvir falar com simplicidade aquelle chefe, em toda liberdade, em toda confiança, sobre politica, marinha, historia, diplomacia, trabalhos publicos, é a mais prodigiosamente interessante da minha vida.

Alguns comprazem-se em reprentar o presidente como ávido do sangue das grandes companhias financeiras, como uma especie de anjo exterminador dos *trusts*.

Pela minha parte, não tive só instante esta impressão. Não ha assumpto sobre o qual Roosevelt se exprima com mais espontaneidade quando é interrogado. E eis aqui, exactamente o que elle disse:

«Eu não sou adversario dos agrupamentos de capitaes, que são tão necessarios ao progresso humano quanto os agrupamentos de machinas.»

«Não sou inimigo dos *trusts*.»

«Porquanto os peóres inimigos dos *trusts* são demagogos, e o demagogo, sob qualquer forma que o encaramos, não tem adversario mais encarniçado que eu.»

«Sómente sou e devo ser o guarda inflexivel da lei».

O a, neste paiz, onde tudo galopa a passos gigantescos, têm-se visto grandes companhias financeiras, têm-se visto *trusts* adquirir uma potencia de tal ordem formidavel, que hão pretendido poder estar dispensados de obedecer á lei, que hão pretendido poder esmagar a lei sob o peso da sua força.

Isso é que eu jámais me pude resolver a permittir e dahi é que proveio a guerra.»

«A batalha não está travada contra todas as grandes companhias financeiras; está unicamente travada contra aquellas que estão em guerra contra a lei.»

Quando eu falei em malfeitores ricos, nunca tive em mente falar de todos os financeiros ou millionarias; visei simplesmente aquelles que transgridem audazmente a lei, e é esse um direito que me assiste por quanto a riqueza, ainda mais que a pobreza, não póde servir de desculpa para a violação da lei.»

E, em ultima analyse, de toda linguagem que empregou Raosevelt, para commigo, é essa, até a menos riginal, pois é a de todos os chefes do Estado.

Quando me despedi de Roosevelt, roguei-lhe se dignasse de collocar a sua assignaturs por baixo da photographia que então lhe apresentei. Elle graciosamente o fez, e com uma dedicatoria.

—E' possivel, disse elle, que eu tenha assim um ar tão carrancudo e descontente, qual me representa esta photographia?

—Meu Deus, sr. presidente, respondi eu evasivamente, é possivel que, uma ou outra vez, apresenteis esta physionomia.

Mas comprehendi que Roosevelt fazia empenho sim que eu soubesse que só excepcionalmente, e para certas pessoas, é que se apresentava com semblante tão severo!

Stéphane Lauzanne.

Carta a JACK

Em o nosso editorial de hontem sob o titulo acima, sahiu ligeiramente truncados os seguintes periodos:

«Basta! eu vol-o repito d'aqui do sertão; e no dia em que fôr chegado o sacrificio total, contae com o pequeno auxilio de quem tem soffrido bastante para viver nesta terra de Dutras, Macambiras, Belisarios e tantos outros patifes, espalhados em todo o Estado e que, como o seu *digno chefe* — de olhos baixos, torvos e sinistros — estão afogando a honra cearense no enxurro da mais vergonhosa das miserias.

Nesse dia eu estarei em campo tambem; levarei o meu rifle para o theatro da lucta e hei de fazel-o gritar tão alto que a sua voz ha de chegar até onde não o pôde ainda o reclamo de um povo em nome da lei e da justiça.

Sim, é preciso acabar de vez com esse excommungado. Sacrifiquemos algumas cabeças, mas por Deus salvemos a terra abençoada dos nossos paes!»

Mario Menescal

Depois de longa ausencia no extremo norte da Republica, regressou, ha pouco dias, a esta capital, o distincto moço sr. Mario Menescal—cavalheiro de finissimo trato e bastante estimado em nosso meio.

Ao digno e sympathico conterraneo apresentamos os nosos cordiaes cumprimentos de bôa vinda.

Aguas Mineraes de S. Lourenço—puramente naturaes, se gaz da propria agua, estão recommendadas por notaveis medicos do Rio, taes como os Drs. Moura Brazil (pae) Miguel Couto, Rocha Faria, Almeida Magalhães muitos outros.

O ôlho da rua

Carta ao Manoel.

Tenho aqui, Monoel, diante dos olhos, minuciosa e reveladora, a tua carta.

Que te hei de responder? que tenho tambem diante dos olhos a miseria do povo, a corrupção da justiça, o absolutismo dos administradores municipaes, o inverno escasso, os campos mal empastados, as aguas poucas — todas essas espantosas e feias calamidades que estão fazendo a tua pobreza e a indigencia dos meus compatricios d'ahi, e que tão bem me contas.

Que hei-de eu fazer, Manoel?

Mas fallas do teu rifle...

Ah, meu pobre amigo! fallas assim dessa arma de morte—arma terrivel que é um rifle—e ainda pões as mãos na cabêça, e choras as tuas desventuras, as desventuras de todos os nossos desgraçados irmãos das plagas tristes onde campêa a tua desolação de opprimido?

□ Manoel! Manoel! vê lá que te não faltem brios!

□ Olha: acredito que a salvação do Ceará depende dos cearenses, e isto é uma verdade maior do que poderias suppôr.

□ Cearense és tu e sou eu; cearense é teu irmão perseguido pelo chefe governista da localidade; cearense é o teu velho sogro, com homens armados dentro de caza para se livrar dos ataques imprevistos dos seus inimigos politicos; cearense é o commerciante roubado pelo fisco larapio; cearense é o proprietario que teve os seus campos e herdades incendiados, porque divergiu da idéas nocivas da situação oligarchica; cearense é o banido e perseguido; cearenses são os sete mil cidadãos a quem Accioly arrancou, pela mão criminosa e venal do juiz Studart, o direito sagrado e incontestavel do voto.

São esses os que podem salvar o Ceará. São esses! somos nós!..

E' difficil? não, Manoel, não é difficil, dês que possuimos a idéa da salvação e é por ella que estamos dispostos á luta.

A policia? ora, Manoel, a policia não vale nada, a policia não impedirá dada!

□ Pois vê tu: a policia é composta de filhos do sertão, simples, sem aspiração outra que a da propria commodidade. O soldado de policia está aeli pela necessidade de ganhar o pão.

Houvesse a luta, houvesse a Revolução, o soldado de policia entraria nas primeiras escaramuças; depois... voltaria talvez o cano da carabina contra o Reimundão, contra o Accioly!

Dado mesmo que elles soldados de policia, por um sentimento de justificado amor proprio nortista, não fugissem ao combate... quaes, imaginas que seriam os vencedores? Os soldados? Não, Manoel, não! os vencedores seriamos nós que nos batemos por uma idéa e por ella empenhamos e vida.

Os soldados teriam a certeza prévia de que não lhes seria peior o destino, Accioly acabando á morte por obra da Revolução.

Nós, pelo contrario! teriamos sempre á mente, a incitar-nos a coragem, o ideal luminoso e guerreiro da liberdade que só nos pode vir com o exterminio completo da oligarchia.

MUTILADO